

## UM PRESENTE NÃO INTENCIONAL DO BRASIL PARA O MUNDO: A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE, CINQUENTA ANOS DEPOIS<sup>i</sup>

SHOR, Ira\*

### RESUMO

O texto contextualiza, brevemente, o trabalho do diretor de alfabetização Paulo Freire, no governo João Goulart, que culminou com o golpe militar de 1964. Durante os tempos sombrios de ditadura civil-militar no Brasil, que permaneceram até 1985, a Pedagogia do Oprimido, escrita em 1968, nasceu para a esperança e a democracia. Proibida no Brasil, essa obra seria lida por milhões de pessoas em todo o mundo. Emergindo de um movimento democrático crescente no Brasil, na década de 1950, a pedagogia de Freire ensinou analfabetos a ler e escrever em apenas 40 horas. Para Paulo Freire, ao longo de sua vida e trabalho, as questões essenciais do seu livro mais famoso permaneceram: Que tipo de sociedade é essa em que vivemos? É justa, democrática e igualitária? Que tipo de mundo queremos? Como é que vamos chegar lá, a partir daqui? Estas perguntas foram amplificadas em uma escala global, quando uma história triste e um destino trágico forçaram Paulo Freire a sair do Brasil por 15 anos, em um momento de grande vigor de sua vida profissional, durante o qual ele se tornou um presente não intencional do Brasil para o mundo. Poucos livros têm sido tão amplamente debatidos, citados, antologizados, e também usados para a formação de professores mantendo, cinquenta anos depois, um apelo extraordinário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido. Justiça Social.

---

\* City University de Nova Iorque, Departamento de Inglês da Universidade de Staten Island. Nova Iorque, Estados Unidos da América. E-mail: professorishor@gmail.com

*BRAZIL'S UNINTENDED GIFT TO THE WORLD:  
PAULO FREIRE'S PEDAGOGY OF THE OPPRESSED,  
FIFTY YEARS LATER*

*SHOR, Ira\**

**ABSTRACT**

*The text contextualizes briefly the work of literacy director Paulo Freire in the João Goulart government, which culminated in the military coup of 1964. During the dark times of civil-military dictatorship in Brazil, which remained until 1985, the Pedagogy of the Oppressed, written in 1968, was born for hope and democracy. Forbidden in Brazil, this work would be read by millions of people around the world. Emerging from a growing democratic movement in Brazil in the 1950s, Freire's pedagogy taught illiterates to read and write in just 40 hours. For Paulo Freire, throughout his life and work, the essential questions of his most famous book remained: What kind of society is this which we live in? Is it fair, democratic and egalitarian? What kind of world do we want? How do we get there from here? These questions were amplified on a global scale, when a sad story and a tragic destiny forced Paulo Freire to leave Brazil for 15 years, at a time of great vigor of his professional life, during which he became an unintended gift from Brazil to the world. Few books have been so widely debated, quoted, anthologized, and also used for teacher education, maintaining an extraordinary appeal fifty years later.*

**KEYWORDS:** *Paulo Freire. Pedagogy of the Oppressed. Social Justice.*

---

\* City University of New York, Department of English at the College of Staten Island. New York, United States of America. E-mail: professorishor@gmail.com

“Agora eu não faço mais parte das “massas”, sou “sujeito” e posso exigir meus direitos.”

Francisca Andrade, estudante de um círculo de alfabetização freireana em Angicos, 1963. (KIRKENDALL, p. 40).

Os círculos da cultura Angicos celebraram a formatura em 2 de abril de 1963 com a presença do diretor de alfabetização de 41 anos, Paulo Freire, e do então Presidente da República, um liberal, João Goulart. Freire disse ao presidente: “existe hoje um povo que decide, um povo que está se levantando, um povo que começou a tomar consciência de seu destino e começou a participar irreversivelmente do processo histórico brasileiro”. (KIRKENDALL, p. 40). O Presidente Goulart levou todo o seu gabinete para a cerimônia, incluindo o ministro das Forças Armadas, general Humberto Castelo Branco. Quase que um ano depois, em 30 de março de 1964, Castelo Branco reverteria a democracia, liderando um golpe que derrubou Goulart e forçou-o a fugir para o Uruguai em 5 de abril. Dias depois, o programa nacional de alfabetização de Paulo foi dissolvido, e Paulo Freire acabou sendo preso. À beira de uma revolução democrática pacífica vinda de baixo, os oligarcas do Brasil, apoiados pelos Estados Unidos, convocaram os generais a lançarem uma contra-revolução violenta, de cima para baixo.

As luzes se apagaram no Brasil por muito tempo depois disso, com o regime militar que durou até 1985. Pedagogia do Oprimido, escrito em 1968, mas proibido em seguida, no Brasil, seria lido por milhões de pessoas em todo o mundo. Este influente livro, gestado em tempos sombrios, nasceu para a esperança e a democracia. Emergindo de um movimento democrático crescente no Brasil, na década de 1950, a pedagogia de Freire ensinou analfabetos a ler e escrever em apenas 40 horas, mesmo contando com recursos limitados. Estando suficientemente alfabetizados, camponeses pobres e trabalhadores poderiam finalmente qualificar-se para votar depois de séculos de silêncio imposto, expandindo vastamente o eleitorado de baixo para cima. A Constituição Brasileira de 1932 só tinha permitido que homens e mulheres votassem se pudessem provar que eram alfabetizados. Mas, se milhares de círculos de cultura tivessem sido abertos, como Freire e Goulart tinham planejado, em 1964, milhões de analfabetos pobres iriam ler e escrever bem o bastante para se registrar como novos eleitores, movendo o poder eleitoral para forças populares, em um momento de crescimento de movimentos sociais no Brasil. Para interromper uma

possibilidade tão democrática, a oligarquia e seu exército derrubaram o governo Goulart eleito, que tinha designado Freire para liderar, nacionalmente, a campanha de alfabetização.

Demitido pela junta militar, interrogado várias vezes, preso em junho de 1964, solto dez semanas depois, em agosto, e então assediado e interrogado novamente, Freire considerou que outra prisão era iminente. Ele decidiu então pelo exílio, mas, apenas a embaixada boliviana aceitou abrigá-lo e organizou a sua passagem segura para La Paz. Porém, outro golpe derrubou o governo boliviano apenas vinte dias depois, obrigando Paulo a sair da Bolívia para o Chile, onde finalmente se juntou a sua primeira esposa, Elza, e aos seus cinco filhos.

Forçado a exilar-se, Paulo encontrou uma maneira de ser produtivo no Chile, trabalhando no movimento de reforma agrária sob o governo do presidente democrata-cristão Eduardo Frei. Mas as tensões políticas aumentaram lá também, culminando no terrível golpe de Estado de setembro de 1973, já em um momento em que Paulo havia deixado Santiago para passar um breve período em Harvard, antes de ingressar no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. A partir desse período, ele começou a viajar para palestrar e prestar consultorias em diferentes partes do mundo, por onde a notícia de sua filosofia e seus métodos se espalhava. Muitíssimo demandado, nessa época, Paulo estava no auge de seu poder criativo, que ele levou para o mundo, mas que poderia ter sido desenvolvido no Brasil, país do qual ele sentia uma profunda saudade.

Outros, que não puderam escapar do golpe 1964, foram presos, torturados, ou perseguidos, uma vez que os generais restauraram à elite conservadora o poder ilimitado. O destino de Paulo seria o de se tornar um educador inovador, de renome mundial, e ele usou bem seu exílio, dirigindo-se a grandes multidões na Europa e na América do Norte, assim como trabalhando com governos, Organizações Não Governamentais (ONGs) e projetos locais. Na época de sua morte, em 1997, ele se tornou o mais famoso educador de seu tempo, bem como o principal defensor da justiça social na educação. Produzindo a Pedagogia do Oprimido enquanto as feridas do golpe ainda estavam frescas, Paulo escreveu: "educação problematizadora é futuridade revolucionária [...] qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta." (p. 65-66).

Poucos livros têm sido tão amplamente debatidos, citados, antologizados, e também usados para a formação de professores. Cinquenta anos depois, o que pode explicar o apelo extraordinário da Pedagogia do Oprimido?

Em quatro breves capítulos, Paulo Freire integrou um conjunto notável de elementos:

1. A construção de uma teoria e uma prática para uma pedagogia crítico-democrática, capaz de questionar a ordem social injusta em nome da justiça social.

2. O envolvimento de teoria e prática em uma “pedagogia situada”, que pôde ser reinventada em diversos contextos, com diferentes sujeitos e condições variadas.

3. A criação de um rico léxico de prática a partir dessa “pedagogia situada”: um método dialógico de ensino-aprendizagem; a proposta da problematização ao invés da memorização, característica da “pedagogia bancária”; a reflexão crítica sobre “inéditos-viáveis”, “situações-limites” e “atos-limites”; a prática pedagógica em “círculos de cultura”; a compreensão do “professor-educando” ao lado de “educandos-professores”; o profundo respeito ao “universo vocabular local”; a busca do “tema gerador” e da “palavra geradora”; o trabalho com “codificações” e “descodificações”; a “conscientização” ou o processo individual e coletivo de alcançar a consciência crítica; a proposição de “temas dobradiça”; o conceito antropológico de cultura; a práxis ou a ação/reflexão – exercício permanente de teorizar ciclicamente a prática, de modo a avaliar e rever a prática da teoria.

4. Tal léxico de teoria e prática crítica evoluiu à medida que Paulo experimentou, por 15 anos, no Brasil, antes do golpe de 1964, o trabalho na alfabetização de adultos fora dos sistemas escolares formais. Mais tarde, sua pedagogia seria recriada em escolas públicas da cidade de São Paulo, durante sua gestão como Secretário da Educação; e ao redor do mundo, outros iriam reinventar e desenvolver seus métodos em escolas, universidades, projetos de alfabetização, e programas de educação comunitária.

5. Recriado em diversos contextos que se abriram à prática crítico-democrática, a Pedagogia do Oprimido cruzou caminhos com pedagogias multiculturais e feministas, também

emergentes nas décadas de 1960 e 1970, com orientações semelhantes no sentido da igualdade, democracia e justiça social.

6. A orientação para a justiça social da Pedagogia do Oprimido apareceu com força quando movimentos de massa comprometidos com essa bandeira de luta tornaram-se um fenômeno global, em um período famoso pela “imensa e proliferante criticabilidade das coisas, instituições, práticas e discursos”, como coloca Michel Foucault (2003, p. 6), e quando abordagens centradas no educando, e métodos construtivistas estavam na ofensiva nos círculos educacionais.

7. Centrada no educando, construtivista, e questionadora da desigualdade, a teoria-prática de Freire afirmou que todas as formas de educação são políticas. Nenhuma pedagogia pode ser neutra porque todas estão embutidas nas relações de poder das sociedades, todas formam seres humanos e desenvolvem a consciência, de uma forma ou de outra, dependendo da ideologia dos conteúdos, das relações sociais, dos discursos, e dos processos de ensino-aprendizagem atinentes ao Currículo. Não questionar o *status quo* de desigualdade na escolarização significa ensinar que tudo está bem do jeito que está, e que não há condições prementes que exijam intervenção cívica por parte de alunos e professores.

8. O processo de aprendizagem cívica proposto recorria a valores morais, fundado em uma ética da reciprocidade e responsabilidade humana, para construir um mundo menos violento e cruel. A preocupação de Freire com a humanização e a desumanização fica evidente logo na primeira página da Pedagogia do Oprimido. O objetivo dessa pedagogia é convidar alunos e professores para se tornarem mais plenamente humanos, o que significa assumir a possibilidade de afirmarem-se como cidadãos críticos e sujeitos ativos que fazem a história com suas próprias mãos.

9. Finalmente, o “Capítulo 4” é uma carta extraordinária para aqueles que estão tomando a história em suas próprias mãos, válida para futuros líderes políticos, não somente para professores e alunos. Este capítulo adverte líderes de oposição sobre “armadilhas tradicionais” que aguardam por sua liderança. Freire previne aqueles que denunciam a dominação mas escorregam de volta para o arrogante e habitual monólogo autoritário, para exortações

abstratas, e para a sloganização (o que não é admissível no diálogo freireano). A prática do diálogo horizontal é uma condição necessária para rejeitar a manipulação e a auto-promoção, e uma postura/disciplina democrática, exigente e permanente, especialmente para aqueles em posições de autoridade.

Esses pontos ajudam a explicar a longevidade e o impacto da Pedagogia do Oprimido, que não foi escrita como um tratado escolástico, mas foi gerada da reflexão de Paulo Freire sobre sua prática e experiência. Pensamento e estudo, por si só, não produziram a Pedagogia do Oprimido, escreveu Freire no prefácio dessa obra. Esse livro, relatou ele, está enraizado: "em situações concretas [...] [e expressa] reações de proletários, camponeses ou urbanos, e de homens de classe média, que vimos observando, direta ou indiretamente, em nosso trabalho educativo." (p. 19).

Paulo considerava a educação crítica na escola, ou em movimentos sociais, como uma prática intelectualmente exigente e politicamente arriscada. Movimentos voltados para a justiça social confrontam autoridades poderosas, que Paulo chamava de "o poder agora no poder". Nas escolas e universidades, em locais de trabalho e na vida cotidiana, professores e estudantes (re)constroem a si mesmos a cada dia, mas, sob termos amplamente dominados de fora e acima ("situações-limites" contra as quais a pedagogia crítico-democrática é um "ato-limite"). Paulo esteve especialmente voltado para a aprendizagem crítica possível no interior de movimentos de massa ("o poder que ainda não está no poder"), mas, encontrou-se nomeado Secretário da Educação de 643 escolas da cidade de São Paulo, quando o Partido dos Trabalhadores ganhou o controle da administração pública em 1989. Para Paulo, ao longo de sua vida e trabalho, as questões essenciais do seu livro mais famoso permaneceram: Que tipo de sociedade é essa em que vivemos? É justa, democrática e igualitária? Que tipo de mundo queremos? Como é que vamos chegar lá, a partir daqui? Estas perguntas foram amplificadas em uma escala global, quando uma história triste e um destino trágico forçaram Paulo Freire a sair do Brasil por 15 anos, em um momento de grande vigor de sua vida profissional, durante o qual ele se tornou um presente não intencional do Brasil para o mundo.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **Society must be defended**. Picador: New York. Tr. David Macey, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed**. Continuum: New York. Tr. Myra Bergman Ramos. Rev. 20th Anniversary Edition, 1993.

KIRKENDALL, Andrew J. **Paulo Freire and the cold war politics of literacy**. UNC Press: Chapel Hill. 2010.

### Nota

---

<sup>i</sup> Uma versão mais curta deste ensaio apareceu como o "Posfácio" à 50ª edição de aniversário da Pedagogia do Oprimido (Bloomsbury Publishing, New York, 2018).